

Habermas e a questão da técnica
Habermas and the problem of the technic

Constança Marcondes Cesar
Universidade Federal de Sergipe

Resumo:

O presente artigo examina a problemática da técnica no capitalismo tardio, na perspectiva de Habermas. Caracteriza a cientificação do saber e da técnica, a anulação de liberdade e a despolitização das massas, construindo uma nova forma de alienação e de exploração do homem. Apresenta também as possibilidades de superação da crise atual à luz de um novo conceito de razão, a razão comunicativa.

Palavras-Chave: Capitalização tardio. Técnica. Ciência, Ideologia. Habermas.

Abstract:

This paper aims to consider the ideology of the late capitalism in the contemporary world as a scientific and technical rationality, that impose a destruction of man's liberty and of the critical reason. We will also to present the Habermas' way of overcome this problems: a new concept of reason, the communicative reason, that offers a possibility of emancipation of the man in our century.

Key-words: Capitalism. Technic. Science. Ideology. Habermas.

Habermas e a Questão da Técnica

Constança Marcondes Cesar
Universidade Federal de Sergipe

Habermas nasceu em 1929 e é um dos mais importantes dentre os filósofos contemporâneos. Vinculado à última geração da Escola de Frankfurt¹ e aos pensadores que constituíam a tendência da *teoria crítica*, seu pensamento tem como pontos axiais a discussão dos laços entre epistemologia, ética e política. Propôs uma metahermenêutica, chamada de *hermenêutica crítica*, visando discutir os obstáculos à compreensão da sociedade técnica, sob o capitalismo tardio. Sua filosofia aponta os riscos da anulação do homem, numa sociedade de consumo. Caracteriza a possibilidade de uma progressiva liberação do potencial da racionalidade no mundo contemporâneo, através da ação comunicativa, que visa o entendimento intersubjetivo. O debate, a discussão racionalmente orientada, desvelam a possibilidade de agir do indivíduo e da comunidade humana, com vistas à expressão e defesa do Estado de Direito e da emancipação humana dos entraves à sua realização.

Assistente de Adorno em Frankfurt, na década de 50, mudou para os Estados Unidos no final da década de 60; retornando à Europa em 1970, lecionou no Instituto Max Planck, em Frankfurt e na Universidade Goethe, até se aposentar em 1994.

Inspirado em Marcuse, outro representante da Escola de Frankfurt (à qual pertence também Adorno²), Habermas escreveu um texto em sua homenagem: “Técnica e ciência como ‘ideologia’”, em 1968. Representa uma das tendências da hermenêutica contemporânea, a qual se expressa através de três grandes orientações. A primeira, herda de Schleiermacher a preocupação de fundamentar metodicamente uma

¹ P. Assoun, *L'École de Frankfurt*. Paris: PUF, 1990.

² P. Assoun, op. cit. (há tradução brasileira); F. Rush (org.) *Teoria Crítica*. Aparecida: Ideias Letras, 2008, S. Rocha-Cunha (ed.) *Habermas. Política e Mundo da Vida na transição do século XXI*. Évora: ISES, 2010.

hermenêutica geral. Seu expoente contemporâneo é o italiano Emílio Betti³, cuja *Teoria Geral da Interpretação* mostra as principais metodologias aplicáveis às diferentes ciências humanas e que servem de apoio para o desbravamento de uma interpretação rigorosa de textos. A segunda, inaugurada por Heidegger em *Ser e Tempo*⁴, sinaliza a passagem da hermenêutica entendida como método à ontologia e filosofia hermenêuticas; tem como fulcro a meditação sobre a linguagem e o ser do homem. Seu discípulo, H.-G. Gadamer⁵ foi um dos expoentes da hermenêutica filosófica; tenta conciliar, em sua obra máxima, *Verdade e Método*, a preocupação metodológica e a vertente ontológica da hermenêutica. As duas vertentes, a metodológica e a ontológica mostram um conflito entre seus dois autores mais recentes, Betti e Gadamer, exposto através de uma célebre polêmica⁶.

Nesse horizonte, marcado por oposições e debates entre as duas primeiras tendências supracitadas, é que preciso inscrever a contribuição de Habermas⁷. Ela se apresenta como crítica e polêmica contra as duas outras vertentes da hermenêutica contemporânea. Sua proposta é a construção de uma meta-hermenêutica que propicie o distanciamento e a crítica das interpretações distorcidas da vida em comum, em razão das ideologias vigentes na sociedade técnica, que impedem a liberdade o florescimento de civilização e do homem.

Seu ponto de partida é a célebre obra de Marcuse, *O homem Unidimensional*⁸, num artigo publicado em 1968, e republicado em 1968, em versão ampliada, em livro, com uma coletânea de outros textos de Habermas.

Marcuse toma como ponto de partida de suas análises do capitalismo tardio a noção de *racionalidade*, proposta por Weber, com a qual este último caracteriza a economia capitalista. No estudo de Weber, *racionalização* significa a “ampliação das esferas sociais (...) submetidas aos critérios da decisão racional”, assim como “a redução do trabalho (...) à razão instrumental” com implicações em outros domínios da vida

³ E. Betti. *Teoria Generale della Interpretazione*. Milão, A. Giuffrè Ed., 2 vols., 1990.

⁴ M. Heidegger. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2 vols. 1988-2005. Ver também: R. Palmer. *Hermenêutica*. Lisboa: Ed. 70, 1986; J. Bleicher, *Hermenêutica Contemporânea*. Lisboa: Ed. 70, 1992.

⁵ H.G. Gadamer. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 2 vols., 1997.

⁶ Ver Palmer, op. cit.; Bleicher, op. cit.

⁷ J. Habermas. *Técnica e ciência como “Ideologia”*. Lisboa: Ed. 70, 2009. Ver também: id., *Conhecimento e Interesse*. RJ: Zahar, 1982; id., *Dialética e Hermenêutica*. P. Alegre: L&PM, 1987.

⁸ H. Marcuse. *O homem Unidimensional*. RJ: Zahar Ed. (edição alemã: 1967). Ver também. M. Nobre (org.). *Curso Livre de Teoria Crítica*. Campinas: Papyrus, 2009.

social. Significa, para Habermas, a ação racional dirigida a fins, a progressiva desvalorização da vida e o predomínio da técnica e da ciência na própria estrutura da ação⁹.

Habermas diz que Marcuse procurou mostrar que essa forma de racionalidade implica uma “dominação política oculta”¹⁰. Nas sociedades altamente industrializadas, o acesso a bens, pela grande maioria, foi melhorado. Mas as teses marxistas da *exploração* e *alienação* do trabalho continuam vigentes. Na sociedade de consumo, característica do capitalismo tardio, há trabalho e boa remuneração. Mas os trabalhadores são induzidos a consumir bens e a trabalhar cada vez mais, para poder consumir de modo crescente. Bens supérfluos são apresentados pela propaganda como indispensáveis. A sociedade é gerida por tecnocratas e o grande capital mascara o caráter de dominação de seu atuar, fazendo surgir o *homem unidimensional*, trabalhador sem a consciência crítica da sua situação de explorado, uma vez que não há luta imediata pela sobrevivência e o consumo é fácil. Ou seja, a racionalização das relações humanas pela “razão técnica” implica dominação do homem e da natureza: dominação metódica, científica, calculada. Diz Habermas:

A racionalização da dominação mede-se pela manutenção do sistema que pode permitir-se converter em fundamento da sua legitimação o incremento das forças produtivas associado ao progresso técnico-científico¹¹.

Os trabalhadores, nesse tipo de sociedade, acham-se intensamente sujeitos ao aparelho de produção e distribuição. A produtividade e domínio da natureza aí alcançadas tornam a vida mais fácil. As relações estruturadas se apresentam como a forma necessária de vida, para a manutenção de uma sociedade racional. Ciência e técnica funcionam como legitimação da forma que a sociedade capitalista assumiu. Implicam redução da liberdade do homem, intensificação do trabalho, proteção da dominação.

Marcuse se inspira, diz Habermas, para fazer essa crítica, no estudo de Husserl sobre a crise europeia, no de Heidegger sobre a metafísica ocidental e também na crítica da técnica moderna proposta por Bloch¹². A novidade da posição de Marcuse consistiu,

⁹ J. Habermas, op. cit., p.46-47.

¹⁰ Id., ibid.

¹¹ J. Habermas, op. cit. p. 47.

¹² J. Habermas, op. cit., p. 49-50.

na opinião de Habermas, em ter examinado “a peculiar *fusão de técnica e dominação* (...) de modo que na ciência e na técnica “se oculta um projecto de mundo determinado por interesses de classe (...)” de modo que” não poderia pensar-se uma emancipação sem uma revolução prévia da própria ciência e técnica”¹³.

Uma hierarquia racional – a dos cientistas e técnicos – fundida com a hierarquia social estaria representada na própria estrutura da ciência, diz Habermas, repetindo as teses de Marcuse. A atitude do homem em relação à técnica deverá ser a de, sem renunciar à técnica, modificar paulatinamente a relação com ela, de modo a libertar-se de um esforço excessivo pela sobrevivência, pondo a técnica seu serviço. Em relação à natureza, o projeto de Marcuse seria o de levar o homem a estabelecer com ela uma relação de *comunicação*, não de uso e dominação.

Analisando as sociedades contemporâneas, Habermas distingue nelas a existência de dois tipos de ação racional: a ideológica e a instrumental. Caracteriza as sociedades tradicionais como as que representam uma etapa da evolução histórica da humanidade; são apoiadas em um poder central, apresentam divisão em classes, distribuição de encargos e compensações entre seus membros. Legitimam, por uma mundividência, mitologia ou religião a dominação de um grupo sobre os outros membros. Por sua vez, as sociedades contemporâneas, graças ao desenvolvimento das técnicas, conseguem produzir bens que excedem a satisfação de necessidades elementares. Por isso, asseguram que a divisão de bens, embora *desigual*, se apresente como *legítima*, que dizer, seja legitimada porque o excedente de bens produzidos garante a satisfação das necessidades elementares¹⁴.

A partir da implantação do modo de produção capitalista, que implantou um sistema econômico com crescimento regular de produtividade, graças à introdução de novas tecnologias, surgiu uma mudança profunda. As imagens tradicionais do mundo apoiavam-se nos valores da convivência social, justiça, liberdade, felicidade. Na sociedade capitalista, a *relação política*, que caracterizou as sociedades tradicionais, converte-se em *relação de produção*, legitimando a “racionalidade do mercado, a ideologia da sociedade da troca”¹⁵. A produção capitalista instaura um mecanismo que

¹³ Id., *ibid.*, p. 50.

¹⁴ Id., *ibid.*, p. 62.

¹⁵ Id., *ibid.*, p.64.

garante sua legitimação econômica a partir do progresso e expansão da *racionalidade instrumental*, exibida “na organização do trabalho (...), de transportes, de notícias (...) ,[na] administração das finanças (...) [na] burocracia estatal”¹⁶.

Pouco a pouco, a sociedade inteira e todas as suas esferas: defesa, educação, saúde, família, são submetidas à imposição da dominação, da modernização, da urbanização da forma de viver. As imagens tradicionais do mundo, expostas nos mitos, na religião, na tradição, são substituídas por éticas subjetivas, pela crítica da tradição e por interpretações pretensamente científicas, que ocultam a dominação, difundindo *ideologias*, que assumem o papel das antigas instâncias legitimadoras da dominação.

Nas sociedades capitalistas tardias, a regulação econômica pelo Estado assegura um mínimo de bem-estar e de segurança social, estabilidade e garantia de emprego e renda. Asseguram, através de crescentes intervenções do Estado, a valorização do capital e “o assentimento das massas”¹⁷. Visam manter o sistema; a solução de questões técnicas não são referidas à discussão política¹⁸. As discussões públicas são inócuas, pois ocorre uma *despolitização* da maioria da população; a técnica e a ciência assumem o antigo papel da ideologia. A partir do fim do século XIX, ocorreu uma “*cientificação da técnica*”, característica de intensificação da produção, graças à rápida evolução da técnica e ao progresso das ciências. Assim, “a ciência, a técnica e a revalorização do capital confluem num único sistema”¹⁹.

Com o progresso técnico, a distribuição de compensações sociais, que impedem a insurreição de população, garantem sua lealdade²⁰; a organização da vida socioeconômica *não é* submetida à discussão, uma vez que “parece estar determinada pela lógica do progresso científico”²¹. Na sociedade assim estruturada, dar-se a codificação dos seres humanos; ocorre também assim uma forte tendência à planificação da sociedade. A ação racional se afasta do homem, que de *homo faber* torna-se *homo fabricatus*, reproduzindo a ação técnica no campo da vida social²². O

¹⁶ Id., *ibid.*, p. 65.

¹⁷ Id., *ibid.*, p. 70.

¹⁸ Id., *ibid.*, p. 71.

¹⁹ Id., *ibid.*, p. 72.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 73.

²¹ Id., *ibid.*

²² Id., *ibid.*, p. 75.

Estado se torna uma organização administrativa, técnico-operativa e os modos de comportamento são cada vez mais condicionados por grandes organizações. Ocorre uma desestruturação da consciência moral, e as “categorias centrais da teoria marxista, ou seja, a *luta de classes* e a *ideologia* já não podem sem mais utilizar-se”²³. Isso ocorre porque no capitalismo tardio já não se pode reconhecer o antagonismo de classes, porque uma política de compensações evita o conflito entre as classes; a desproporção entre a produção, defesa, saúde, educação, mostra a “contradição entre a planificação e regulação racionais da política fiscal e financeira e a evolução selvagem da cidade ”²⁴.

As oposições entre as classes não deixam de existir, mas entram em uma situação de latência mascaradas pela “fachada distributiva compensadora”²⁵. Os conflitos são deslocados para âmbitos periféricos da sociedade, onde irrompem intensamente, entre os grupos nãoprivilegiados, isto é, sem acesso a bens. Tais grupos não constituem uma classe, não representam a massa da população. O sistema econômico não vive de seu trabalho – não são explorados. Mas sua pauperização extrema é incompatível com qualquer democracia. O conflito avança e mostra-se nas relações “entre as sociedades industriais avançadas e os países do Terceiro Mundo que antes foram colônias”²⁶.

A produção de bens excedentes, que parecia ser a possibilidade de emancipação do homem, graças ao progresso técnico-científico, mostrou-se, ao contrário, fundamento de uma nova forma de dominação. Esta se apoia na distribuição de compensações, que apaziguam as reivindicações e implicam na recusa da ética como eixo das relações humanas e na despolitização das massas. Assim, “a técnica e a ciência, na forma de uma consciência positivista imperante – e articulada como consciência tecnocrática - começam a substituir (...) as ideologias burguesas destruídas” e se apresentam, a técnica e a ciência, como nova “ideologia”²⁷.

Contra a razão instrumental, característica da tecnocracia, ergue-se, para Habermas, a possibilidade de superação da alienação. Tal possibilidade surge da

²³ Id., *ibid.*, p. 76.

²⁴ Id., *ibid.*, p. 77.

²⁵ Id., *ibid.*, p. 77.

²⁶ Id., *ibid.*, p. 79.

²⁷ Id., *ibid.*

discussão pública de problemas comuns, sem restrições, sem coações. Dela deve emergir a escolha do potencial humano a ser desenvolvido, em vista da paz entre os homens. Trata-se, mediante o debate a discussão, podermos discernir *o que* queremos viver, *como queremos* viver, *como poderíamos* viver. Trata-se de resistir à ideologia do rendimento, característica do capitalismo tardio, mediante questionamento da consciência tecnocrática, através de técnicas educativas que não se apoiem na competição e coisificação do homem, mas valorizem a existência, a vida criadora.

Na sociedade atual, o modelo tecnocrático de vida em comum anula a atuação política, pois o político se torna mero executor da razão técnica. Em tal sociedade, a democracia torna-se supérflua e dá-se a cientificação da política.

À anulação da consciência crítica, da liberdade e da própria possibilidade da democracia, Habermas contrapõe a questão essencial: como é possível traduzir o saber técnico para o mundo de vida, submetendo esse saber ao controle de uma discussão racional de suas implicações?²⁸. Trata-se, para ele, de indagar como é possível “a relação entre técnica e democracia”²⁹, de modo que a garantia da riqueza social não exclua a liberdade política³⁰. O desafio posto pela técnica não pode ser resolvido apenas pela própria técnica, nem pelos tecnocratas. Implica debates, discussões, vinculação do saber técnico ao saber político, de modo que a irracionalidade da dominação seja superada pela “formação de uma vontade coletiva, que se ligue ao princípio de uma discussão geral e livre de dominação”³¹.

Apesar da face tremenda da técnica, a reflexão de Habermas aponta para possibilidades de superação da alienação e anulação do ser humano.

É através de atividade comunicativa que se instaura a intercompreensão. Ela se propõe através de procedimentos argumentativos, de debate e discussão, fundados na imparcialidade e responsabilidade dos interlocutores. Pressupõe que se reconheça o outro como *pessoa* e não como coisa, fundando assim o campo da ética, que assegura universalização e império da razão prática, a compreensão dos processos sociais, o acordo das liberdades, o consenso sem imposições, expostos nos diferentes escritos de

²⁸ Id., *ibid.*, p. 96.

²⁹ Id., *ibid.*, p. 101.

³⁰ Id., *ibid.*, p. 102.

³¹ Id., *ibid.*, p. 106.

Habermas, como *Moral e Comunicação, Ética de discussão, Consciência Moral e Agir Comunicativo*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA J. BADER, W. (org.). *Pensamento alemão no século XX*, SP. Goethe Institut/Cosac Naify, 2009.
- ASSOUN, P. *L'École de Francfort*. Paris: PUF, 1990.
- BLEICHER, J. *Hermenêutica Contemporânea*. Lisboa: Ed. 70, 1992.
- BETTI, E. *Teoria Generale della Interpretazione*. Milão: Giuffrè, 2 vols., 1990.
- HABERMAS, J. *Técnica e ciência como "ideologia"*. Lisboa: Ed. 70, 2009.
- _____ *Consciência moral e Agir Comunicativo*. RJ: Tempo Universitário, 1989.
- _____ *Conhecimento e Interesse*. RJ: Zahar, 1982.
- _____ *Dialética e Hermenêutica*, P. Alegre: L&PM, 1989.
- MARCUSE, H. *O homem Unidimensional*. RJ: Zahar.
- NOBRE, M. (org.). *Curso Livre de Teoria Crítica*. Campinas: Papyrus, 2009.
- ROCHA – CUNHA, S. de (ed.) *Habermas. Política e mundo de vida na transição do século XXI*. Évora, ISES, 2010.
- RUSH, F. (org.). *Teoria Crítica*. Aparecida: Idéias & Letras, 2008.
- PALMER, R. *Hermenêutica*. Lisboa: Ed. 70, 1986.
- HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2 vol., 1988-2005.
- GADAMER, H.G. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- JÜRGEN HABERMAS: 60 anos. *Tempo Brasileiro*, nº. 98. RJ: Julho-setembro 1989.

Publicado no dia 27/06/2014

Recebido no dia 16/06/2014

Aprovado no dia 18/06/2014